

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

**A INFLUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL DOS JOVENS**

Dayane Campos de Oliveira

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).  
Orientador: Rafael Siqueira Machado

Juiz de Fora  
2025

## DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **DAYANE CAMPOS DE OLIVEIRA**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número **202072010A**, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **A INFLUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL DOS JOVENS**, desenvolvido durante o período de **20/05/2025 a 12/08/2025** sob a orientação de **RAFAEL SIQUEIRA MACHADO** ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 12 de AGOSTO de 2025.

---

**Substituir pelo NOME DO AUTOR**

### **Marcar abaixo, caso se aplique:**

Solicito aguardar o período de ( ) 1 ano, ou ( ) 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

# A INFLUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL DOS JOVENS

Dayane Campos de Oliveira <sup>1</sup>

## RESUMO

O presente artigo investiga como as redes sociais influenciam a formação da identidade cultural de jovens, com foco nas dinâmicas de visibilidade, padrões estéticos e mecanismos de controle simbólico presentes nessas plataformas. Inicialmente criadas como espaços de interação e compartilhamento, as redes passaram a atuar também como ambientes comerciais e de vigilância, moldando comportamentos, valores e percepções corporais por meio de algoritmos e lógicas de engajamento. A pesquisa, de caráter qualitativo e baseada em revisão bibliográfica, dialoga com autores como Zygmunt Bauman, Pierre Bourdieu e David Le Breton para compreender as relações entre corpo, poder simbólico e identidade no contexto digital. São analisados casos de influenciadoras brasileiras Thais Carla, Jojo Todynho e Carol de Niterói Cujas trajetórias evidenciam tanto o potencial emancipatório do movimento *body positive* quanto as limitações impostas por padrões hegemônicos de beleza e pela lógica algorítmica. O estudo demonstra que corpos fora do padrão magro, branco e eurocêntrico enfrentam invisibilidade, ataques e exclusão simbólica, revelando a persistência da violência estética nas redes. Conclui-se que a construção da identidade juvenil no ambiente digital é marcada por tensões entre autenticidade e conformidade, sendo atravessada por relações de poder, vigilância e performatividade. A análise propõe reflexões críticas que podem subsidiar políticas e práticas voltadas à promoção de espaços virtuais mais inclusivos, que valorizem a diversidade e fortaleçam a autoestima e a autonomia dos jovens.

**PALAVRAS-CHAVE:** Redes sociais. Identidade cultural. Padrões estéticos. Corpo. Juventude.

## 1. INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como propósito compreender o comportamento dos jovens nas redes sociais e analisar de que maneira esse fenômeno influencia a construção de sua identidade cultural. As redes sociais surgiram com o intuito de facilitar a conexão entre indivíduos, possibilitando que amigos, familiares e conhecidos permanecessem em contato, mesmo quando fisicamente distantes. Inicialmente, o objetivo central dessas plataformas consistia em oferecer um espaço virtual no qual os usuários pudessem compartilhar informações pessoais, interesses, imagens e opiniões, favorecendo interações mais dinâmicas no ambiente digital. Ademais, buscavam formar comunidades online pautadas em interesses comuns, proporcionando ambientes de convivência e de troca de experiências. Com o passar do tempo, tais espaços incorporaram novas funcionalidades e passaram a desempenhar também um papel comercial, voltado à promoção de marcas, à coleta de dados e ao direcionamento de conteúdo, consolidando-se como ferramentas de grande influência nas esferas social, cultural e econômica contemporâneas. As redes sociais, que inicialmente se apresentavam como espaços de interação e expressão individual, passaram a operar como ambientes altamente monitorados e voltados para o consumo, onde cada ação dos usuários pode ser convertida em informação útil para o mercado. Zygmunt Baumann, ao refletir sobre essa nova lógica social, observa que “o consumidor de hoje é também uma mercadoria em oferta, e as redes sociais são o mercado onde ela se exhibe.”<sup>2</sup> Dessa forma, o indivíduo deixa de ser apenas usuário e passa a ser também produto, inserido em uma engrenagem de vigilância e exposição que atende a interesses econômicos e publicitários.

Atualmente, há milhares de redes sociais ao redor do planeta, embora poucas dominem o mercado global, cada uma oferecendo características e funções diferentes, como comunicação, edição de vídeos e fotos, criação de conteúdo, jogos e transmissões ao vivo. Contudo, é importante considerar: como essas ferramentas digitais influenciam a formação da identidade de milhares de jovens que são usuários ativos dessas redes? Além disso, é fundamental refletir sobre o papel dos algoritmos que regulam a visibilidade de conteúdos nas redes. Esses sistemas operam com base nos dados coletados, moldando o que os usuários veem, consomem e, conseqüentemente, como pensam e se comportam. Essa lógica algorítmica pode contribuir para a formação de bolhas informacionais e para a reprodução de padrões culturais hegemônicos, influenciando diretamente a

---

<sup>1</sup> Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: dayane.campos@estudante.ufjf.br. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Rafael Siqueira Machado.

<sup>2</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

construção da identidade dos jovens, que passam a buscar aceitação por meio da repetição de comportamentos, linguagens e estéticas populares.

A exposição constante e a busca por validação por meio de curtidas, comentários e compartilhamentos também acabam incentivando uma performatividade contínua. Muitos jovens sentem-se pressionados a construir versões idealizadas de si mesmos, alinhadas às expectativas do público digital, o que pode gerar inseguranças, crises de autoestima e dificuldades na construção de uma identidade autêntica<sup>3</sup>. Assim, compreender como os jovens utilizam e são afetados por essas plataformas é essencial para analisar os processos contemporâneos de formação identitária. As redes sociais não apenas refletem a cultura, mas também a moldam, atuando como espaços onde se negociam pertencimentos, valores e visões de mundo.

Este artigo configura-se como uma revisão de literatura, com base em autores da Sociologia e da Comunicação, buscando compreender os impactos das redes sociais na formação da identidade cultural juvenil. A justificativa para este estudo se baseia na importância crescente das plataformas digitais no cotidiano dos jovens e na necessidade de refletir criticamente sobre seus efeitos. Como metodologia, optou-se pela análise bibliográfica, com levantamento de fontes teóricas que abordam a temática. A hipótese central é que as redes sociais têm papel ativo na construção de identidades juvenis, influenciando comportamentos, discursos e representações.

## 2. DESENVOLVIMENTO

De acordo com Luis Groppo (2010)<sup>4</sup>, a juventude não é apenas uma etapa biológica, mas sim uma construção social e cultural, definida pelas maneiras como os jovens se inserem e são vistos na sociedade. Nesse contexto, as redes sociais se tornam locais onde os jovens testam, moldam e projetam suas identidades, frequentemente influenciados por normas de comportamento, estética e sucesso que circulam nesse espaço virtual. Portanto, entender o papel das redes na vida dos jovens requer uma análise que vá além do entretenimento, reconhecendo também as pressões e os conflitos simbólicos criados por esses ambientes digitais. Nas redes sociais, muitos jovens criam versões idealizadas de si, impulsionados pelo anseio de aceitação e visibilidade. Imagens cuidadosamente editadas, vídeos performáticos e postagens planejadas revelam não apenas criatividade, mas também uma busca contínua por validação. Nesse contexto, o sociólogo Zygmunt Bauman afirma que, na modernidade líquida, as relações e identidades tornaram-se frágeis e moldáveis, o que leva os indivíduos a se reinventarem constantemente para atender às expectativas do meio social<sup>5</sup>. Além de funcionarem como espaços comerciais e de vigilância, as redes também se consolidaram como palcos de exibição da identidade, nos quais os indivíduos estão constantemente em busca de aprovação. O que antes poderia ser considerado um simples compartilhamento de momentos cotidianos tornou-se, cada vez mais, uma tentativa de obter reconhecimento por meio de curtidas, comentários e visualizações.

Segundo Zygmunt Bauman (2001), na modernidade líquida, a identidade tornou-se frágil e necessita de reafirmação constante, levando os sujeitos a se tornarem artistas da autoimagem, sempre preocupados com a forma como são percebidos. Nesse cenário, a presença online transforma-se em uma vitrine de performances cuidadosamente editadas, onde o valor pessoal é frequentemente medido pela reação do outro. Assim, a busca por validação não é apenas um sintoma cultural, mas um componente estrutural da experiência digital contemporânea<sup>6</sup>. Essa dinâmica está conectada diretamente aos mecanismos dos próprios aplicativos que, por meio de algoritmos, reforçam certos padrões de beleza, comportamento e consumo, gerando um contexto de comparação incessante. Como observa Groppo, a juventude é influenciada por diversas pressões sociais e, no ambiente virtual, isso se agrava, visto que a exposição pública pode tanto fortalecer quanto enfraquecer

---

<sup>3</sup> SOUZA, Lidiane Santos de; ROCHA, Ana Cecília de Sousa; OLIVEIRA, Joyce Mary Adam de. *Percepção de jovens brasileiros sobre as repercussões das redes sociais na subjetividade*. Psicologia: Teoria e Prática, v. 23, n. 2, p. 1-19, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/M7sMfwiCqXdZ7i4RWjN4jdc/>. Acesso em: 11 ago. 2025.

<sup>4</sup> GROPPPO, Luís Antonio. *Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2010, p45

<sup>5</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

<sup>6</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p. 12.

a identidade do jovem<sup>7</sup>. A formação da identidade nas redes passa a depender não apenas de quem a pessoa realmente é, mas de como ela é vista e aceita pelos outros, o que pode causar conflitos internos, inseguranças e até uma dependência emocional em relação às interações digitais. As redes sociais desempenham um papel significativo no que diz respeito aos padrões de beleza, afetando principalmente as mulheres, especialmente as mais jovens, na maneira como enxergam seus próprios corpos. Nessas plataformas, são comuns imagens de mulheres com silhuetas magras, curvas bem definidas, pele clara, cabelos lisos e traços finos. A maior parte das mulheres brasileiras se identifica como negra (pretas ou pardas), enquanto uma parcela menor se considera branca. Além disso, a maioria apresenta sobrepeso ou obesidade<sup>8</sup>, o que evidencia a necessidade de refletir sobre os padrões estéticos e raciais que predominam na sociedade, muitas vezes excludentes e inalcançáveis para a maioria das mulheres reais indicando que o corpo magro, exaltado nas redes sociais, não reflete a realidade da maioria. Assim, o padrão promovido nessas plataformas digitais atinge, na verdade, uma minoria, reforçando desigualdades simbólicas e contribuindo para a exclusão estética e social de corpos que não se encaixam nesse ideal.

Um dos elementos mais notáveis da influência das redes sociais na identidade das jovens mulheres é o uso de filtros de beleza e ferramentas de edição de fotos, principalmente em redes como Instagram e TikTok. Esses instrumentos, amplamente disponíveis e fáceis de usar, possibilitam modificar características faciais, afinar corpos, clarear a pele e “corrigir” imperfeições, criando um visual artificialmente idealizado. A utilização constante dessas alterações visuais pode causar uma desconexão entre a imagem real e a que é projetada, afetando diretamente a autoconfiança e a percepção corporal das usuárias. Muitas jovens se sentem insatisfeitas com suas aparências ao se compararem com versões editadas de si mesmas ou com influenciadoras que seguem os mesmos modelos estéticos. Portanto, os filtros, embora pareçam inofensivos, atuam como instrumentos de padronização estética, moldando expectativas irreais e acentuando a distinção entre identidade real e digital. Perante essa situação, o intuito deste estudo é examinar como as redes sociais afetam a formação de identidade dos jovens, focando na imposição de padrões estéticos que não representam a diversidade da população Brasileira. Atualmente, entre as mais de 100 redes sociais ativas no mundo (DataReportal, 2025)<sup>9</sup>, apenas cerca de 15 a 20 realmente dominam o mercado global. WhatsApp, Instagram, TikTok e Facebook se destacam entre as plataformas mais utilizadas, especialmente por jovens, que as incorporam à sua rotina diária. É nesses ambientes virtuais que questões como padrões estéticos, autoimagem e saúde mental se manifestam com maior intensidade, exigindo uma atenção especial aos impactos que causam. Por trás dos perfis, postagens e interações promovidas por essas redes, há também a presença de discursos de ódio, bullying e preconceito, muitas vezes direcionados a criadores de conteúdo. Esses ataques nem sempre partem de perfis anônimos: muitos comentários ofensivos são feitos por usuários reais, que não demonstram receio em propagar mensagens agressivas. Ainda assim, os chamados “perfis fakes”, contas falsas criadas com nomes e imagens aleatórias, muitas vezes geradas por inteligência artificial, também são amplamente utilizados para atacar usuários, escondendo a identidade de quem está por trás do discurso violento.

Antes da apresentação de exemplos mais específicos, é pertinente compreender o conceito de violência simbólica, desenvolvido por Pierre Bourdieu<sup>10</sup>. Trata-se de uma forma sutil e muitas vezes imperceptível de dominação, na qual valores, padrões e comportamentos impostos por grupos dominantes são naturalizados, inclusive por aqueles que são prejudicados por eles. Essa dominação ocorre por meio de símbolos, linguagem e representações, perpetuando desigualdades sociais de maneira silenciosa (BOURDIEU, 1989). No ambiente digital, a violência simbólica se manifesta na imposição de padrões estéticos irreais, na disseminação de discursos de ódio e na constante necessidade de aprovação social. Comentários ofensivos, episódios de

---

<sup>7</sup> GROPPPO, Luís Antonio. *Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2010.

<sup>8</sup> INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Pesquisa Nacional de Saúde 2019: perfil sociodemográfico e de saúde da população brasileira*. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101761.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2025.

<sup>9</sup> DATAREPORTAL. *Digital 2025: Global Overview Report*. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2025-global-overview-report>. Acesso em: 11 ago. 2025.

<sup>10</sup> BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

cyberbullying e a busca incessante por curtidas e seguidores contribuem para um ciclo de pressão emocional que eleva os índices de ansiedade, depressão e baixa autoestima entre adolescentes. De acordo com relatório da Organização Mundial da Saúde<sup>11</sup> (OMS, 2021), a exposição prolongada a conteúdos prejudiciais, a pressão por visibilidade e a violência simbólica nas redes sociais podem comprometer o bem-estar emocional de crianças e jovens, favorecendo o surgimento de quadros como depressão, ansiedade e até comportamentos suicidas. As exposições constantes a ambientes hostis nas redes sociais têm afetado significativamente a saúde mental dos jovens.

De acordo com a pesquisa *Cyberbullying: facts and statistics for 2018 a 2021*<sup>12</sup>, realizada pela organização britânica Comparitech com mais de 10 mil jovens entre 12 e 20 anos, 42% das vítimas relataram ter sofrido ataques no Instagram, 37% no Facebook e 31% no Snapchat. O Instagram, por ser uma rede muito visual, onde as pessoas postam fotos e vídeos, acaba incentivando comparações sobre aparência, o que pode gerar críticas ao corpo e comentários gordofóbicos. O Facebook também tem muitos casos de bullying, principalmente porque permite grupos fechados, onde circulam ofensas relacionadas ao corpo e ao peso. Já o TikTok, mesmo aparecendo menos nas pesquisas em números absolutos, tem sido apontado em estudos no Brasil como uma plataforma que começa a mostrar vídeos com conteúdo preconceituoso (como machismo, homofobia e gordofobia) em pouco tempo de uso. Muitos vídeos de pessoas falando sobre comida ou emagrecimento, principalmente se forem pessoas gordas, recebem comentários maldosos, mostrando que existe uma preferência estética e muito julgamento sobre os corpos que aparecem nessas redes.

Neste estudo, quero dar destaque especial a uma rede social que faço uso diariamente e que passou a ser ainda mais presente durante a pandemia: o Tik Tok. Inicialmente lançado na China em 2016 com o nome Doujin, pela empresa Byte Dance, o aplicativo ganhou sua versão internacional em 2017, já com o nome atual Tik Tok. Em 2018, o TikTok se fundiu com aplicativo musical.ly, que já era popular entre os jovens no Ocidente, o que contribuiu para um aumento significativo no número de usuários. Como mencionei anteriormente, esse aplicativo me ajudou a passar o tempo durante a pandemia da COVID-19, mas não fui a única a achar o TikTok interessante: ele rapidamente se tornou um dos aplicativos mais baixados no mundo. Atualmente, o Tik Tok é uma das redes sociais com maior influência entre adolescentes e jovens, moldando tendências culturais, comportamentais, musicais e o ambiente digital como um todo. O aplicativo não apenas reproduz conteúdos, mas atua como um laboratório de tendências mundiais. Desafios que variam entre, dança e áudios vitralizados, esses desafios moldam comportamentos e a preferência de consumo entre os jovens. Muitos conteúdos ultrapassam as fronteiras de views e likes até mesmo do próprio aplicativo, e influenciam muito no modo em como os jovens e adolescentes falam, se vestem e se posicionam em outros locais virtualmente ou presencialmente. Ao funcionar como um espaço de produção e circulação de signos culturais, o TikTok contribui para a construção coletiva de símbolos de pertencimento e identidade, criando uma sensação de comunidade entre aqueles que participam ativamente das tendências. Essa dinâmica reforça o papel da rede como um dos principais agentes de socialização da atualidade.

A saúde mental, portanto, tornou-se um dos temas centrais ao se discutir o uso das redes sociais. Embora esses espaços promovam criatividade, entretenimento e oportunidades, também podem se tornar fontes de sofrimento psíquico, principalmente quando o desejo por visibilidade e aceitação se transforma em pressão constante. Saber lidar com críticas, ataques e comparações excessivas é fundamental, especialmente para aqueles que produzem conteúdo com frequência. Um dos aspectos mais influentes do TikTok é seu algoritmo, que determina o que aparece na página “Para Você” com base nas interações anteriores do usuário, como curtidas, tempo de visualizações e compartilhamentos. Esse sistema cria bolhas de conteúdo, nas quais os usuários são expostos a uma seleção personalizada que reforça certos padrões de estética, comportamento e valores. Como consequência, a experiência dentro da plataforma se torna cada vez mais homogênea, limitando a diversidade de referências culturais e identitárias. Para os jovens, isso pode representar um risco, pois ao se verem repetidamente confrontados com os mesmos modelos de sucesso e aceitação, tendem a ajustar sua

---

<sup>11</sup> ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). *Saúde mental dos adolescentes: relatório mundial*. Genebra: OMS, 2021. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/mental-health-adolescents-report-2021>. Acesso em: 11 ago. 2025.

<sup>12</sup> COMPARITECH. *Cyberbullying: facts and statistics for 2018 to 2021*. Disponível em: <https://www.comparitech.com/blog/vpn-privacy/cyberbullying-statistics/>. Acesso em: 11 ago. 2025.

autoimagem e seu comportamento às exigências implícitas do algoritmo, em busca de visibilidade e pertencimento digital. Para além da padronização de comportamentos e gostos, essa lógica algorítmica também afeta diretamente a forma como os corpos são representados e percebidos dentro da plataforma. O TikTok não é apenas um espaço de criação de conteúdo, mas um espelho distorcido das normas sociais, onde certos corpos ganham destaque e outros são marginalizados.

No TikTok, os corpos ocupam um lugar central na construção da identidade digital, sendo avaliados de forma constante, seguindo expectativas estéticas que circulam na plataforma. Corpos magros, tonificados, brancos e próximos ao ideal eurocêntrico são frequentemente impulsionados pelo algoritmo, acumulando curtidas, visualizações e engajamento. Já corpos gordos, negros, trans, com deficiência ou que fogem das normas hegemônicas tendem a enfrentar invisibilização, ataques e exclusão simbólica. Essa lógica confirma o que David Le Breton (2011)<sup>13</sup> afirma em *A Sociologia do Corpo*: o corpo é uma construção social carregada de sentidos, atravessada por marcadores como gênero, raça, classe e capacidade física, e utilizada como instrumento de classificação e distinção. No ambiente do TikTok, essa construção se intensifica, pois, o corpo se torna não apenas visível, mas performativo, exposto a julgamentos públicos e a lógicas de aprovação algorítmica. Mulheres negras, pessoas gordas ou com deficiência, indivíduos trans ou não binários grupos historicamente marginalizados enfrentam uma dupla vulnerabilidade: a da discriminação estrutural da sociedade e a da superexposição digital. Le Breton aponta que o corpo é um “lugar de inscrição da cultura”<sup>14</sup>, e, nas redes, essa inscrição se dá por meio da exibição, comparação e constante avaliação estética. Enquanto corpos considerados normativos são recompensados com visibilidade, monetização e prestígio, os demais precisam negociar sua presença com resistência, ironia ou silenciamento. Essa dinâmica revela que as redes sociais não apenas reproduzem desigualdades, mas as intensificam, transformando o corpo em um verdadeiro passaporte social para a aceitação digital. Nesse cenário, a corporalidade converte-se em campo de disputa simbólica, onde visibilidade e silenciamento operam como formas de poder.

Essa mutabilidade dos significados atribuídos ao corpo, como ressalta Le Breton (2011), revela que não existe um corpo natural ou neutro, mas sim corpos culturalmente produzidos, constantemente moldados pelos discursos dominantes de cada época. No TikTok, essa lógica se manifesta de forma acelerada e volátil: a cada nova tendência, desafio ou filtro, surgem atualizações do “corpo ideal”, redefinindo o que é considerado belo, desejável ou digno de visibilidade. O que hoje é celebrado pode, em poucos dias, tornar-se obsoleto, obrigando os usuários a adaptarem sua imagem corporal a padrões que se renovam continuamente. Essa constante reconfiguração estética impacta diretamente os jovens, que vivem em um estado de alerta simbólico, buscando enquadrar seus corpos às exigências de um mercado de atenção que recompensa aparência mais do que a autenticidade. Assim, o TikTok atua como um espelho distorcido da cultura, em que os corpos não apenas são expostos, mas esculpidos por normas digitais efêmeras e excludentes. Esta lógica incessante de ajuste corporal torna-se ainda mais opressiva para indivíduos gordos, que lidam não só com a invisibilidade algorítmica, mas também com uma pressão direta e constante para perder peso. Nas mídias sociais, o fato de ser gordo vai além de uma simples característica física: torna-se um “problema” a ser solucionado, um corpo que precisa ser retificado, ajustado ou modificado. A narrativa predominante vincula a magreza à saúde, beleza e prosperidade, ao passo que a gordura é comumente vista como negligência, preguiça ou falta de ética, um discurso gordofóbico naturalizado, frequentemente disfarçado de “preocupação com o bem-estar”. Essa pressão, frequentemente manifestada em comentários de vídeos, nas tendências de antes e depois, nos obstáculos para emagrecer ou nas declarações de influenciadores fitness, não leva em conta a diversidade corporal nem as circunstâncias sociais, econômicas e de saúde que influenciam o corpo de cada indivíduo. Consequentemente, pessoas com sobrepeso passam a viver sob constante monitoramento, tanto externo quanto interno, estabelecendo uma relação conflituosa com seu próprio corpo.

A exigência de seguir um padrão de beleza magro para ser aceito nas redes sociais impacta diretamente a construção da identidade, já que vincula o valor pessoal à habilidade de se adequar a um padrão estético amplamente excludente. Numerosos jovens assimilam esse modelo, desenvolvendo sentimentos de inadequação, vergonha do próprio corpo, distúrbios alimentares e uma auto percepção negativa fortemente arraigada. Conforme ressalta David Le Breton (2011), o corpo reflete a identidade, e quando essa identidade

<sup>13</sup> LEBRETON, David. *A sociologia do corpo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

<sup>14</sup> LEBRETON, David. *A sociologia do corpo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

é rejeitada socialmente, a subjetividade também se debilita. Ademais, a pressão para perder peso frequentemente se faz presente até mesmo em ambientes de apoio, como os comentários de incentivo que, apesar de genuínos, reforçam a noção de que a perda de peso é um objetivo crucial para aumentar a autoestima ou obter reconhecimento. Portanto, até mesmo as mensagens de estímulo tendem a reproduzir o ideal de corpo magro como uma solução universal, ignorando os diversos elementos que compõem a experiência corporal. No contexto do TikTok, onde a aparência física é crucial para a participação, essa exigência se torna mais intensa. Frequentemente, vídeos de pessoas obesas comendo, dançando ou simplesmente existindo são alvo de comentários maldosos, que os reduzem à sua aparência e anulam qualquer outra faceta de sua identidade. Essa aversão não se restringe ao discurso direto: ela também se evidencia pela falta de representatividade, pela redução do alcance dos conteúdos e pela exclusão silenciosa impulsionada pelos algoritmos.

Um exemplo emblemático da pressão estética vivenciada nas redes sociais é o caso da influenciadora Thais Carla, amplamente conhecida por sua atuação no movimento *body positive*, que busca valorizar a diversidade corporal e combater os padrões estéticos excludentes, promovendo a aceitação e o respeito a todos os tipos de corpos. Ao longo de sua trajetória nas plataformas digitais, Thais produziu conteúdos voltados à autoestima, à alimentação consciente e à dança, sempre com foco na valorização de corpos gordos. No entanto, mesmo com esse posicionamento, tornou-se alvo recorrente de ataques gordofóbicos, muitos deles de teor extremamente violento, como comentários que sugeriam que ela “deveria morrer queimada” sempre que aparecia comendo em imagens ou vídeos. Em abril de 2025, após anos sendo exposta a discursos de ódio e enfrentando questões de saúde, Thais decidiu se submeter a uma cirurgia bariátrica (bypass gástrico). Em declarações públicas, ela enfatizou que a escolha não foi motivada por padrões estéticos, mas sim por preocupações com sua saúde física e pela vontade de garantir qualidade de vida para acompanhar o crescimento de suas filhas. Mesmo após perder mais de 50 kg, a influenciadora reafirmou seu compromisso com o enfrentamento à gordofobia e destacou que essa nova etapa de sua vida ampliou sua compreensão sobre representatividade, legitimidade e autonomia sobre o próprio corpo.

O caso de Thais Carla evidencia de forma contundente como as redes sociais funcionam como arenas de visibilidade e, ao mesmo tempo, de julgamento, onde os corpos são constantemente avaliados com base em padrões estéticos hegemônicos. Mesmo quando há um esforço deliberado para quebrar esses padrões, como no movimento *body positive*, os mecanismos de repressão simbólica e a pressão para conformidade permanecem funcionando de forma intensa. Nesse contexto, é fundamental considerar como essa dinâmica afeta a formação da identidade dos jovens que usam essas plataformas. A trajetória da influenciadora Thais Carla revela de forma marcante como os corpos considerados fora do padrão estético hegemônico são constantemente expostos a mecanismos de controle, julgamento e violência simbólica nas redes sociais. Mesmo atuando como uma voz ativa no movimento *body positive* e promovendo conteúdos voltados à autoestima e à valorização da diversidade corporal, Thais foi, ao longo dos anos, alvo frequente de discursos de ódio e ataques gordofóbicos extremamente violentos. Esse tipo de reação ilustra o quanto as redes sociais, embora se apresentem como espaços de expressão e visibilidade, também funcionam como arenas de vigilância pública e opressão simbólica, onde os corpos são incessantemente avaliados conforme normas estéticas dominantes. A partir da perspectiva da sociologia do corpo desenvolvida por David Le Breton, é possível compreender que o corpo ultrapassa sua dimensão biológica e passa a ser entendido como um constructo cultural e simbólico, profundamente moldado pelas interações sociais e pelas representações coletivas. Para o autor, o corpo é o primeiro meio de relação com o mundo, e carrega consigo as marcas das experiências sociais, políticas e afetivas que o atravessam. Nesse sentido, a identidade corporal não é algo fixo ou natural, mas sim algo produzido continuamente nos contextos sociais, mediado por discursos normativos que definem o que deve ou não ser mostrado, aceito ou valorizado.

No caso de Thais Carla, essa lógica fica evidente: seu corpo, por não corresponder ao modelo magro e idealizado amplamente promovido nas redes, é alvo de rejeição e punição simbólica, mesmo quando busca romper com esses padrões. Le Breton aponta que os corpos desviantes aqueles que não seguem os códigos dominantes tendem a ser invisibilizados, disciplinados ou excluídos. Assim, o corpo da influenciadora passa a ser visto não apenas como um corpo físico, mas como um símbolo de resistência e, ao mesmo tempo, de incômodo social, que desafia as normas vigentes e, por isso, é atacado. Essa dinâmica revela como as redes sociais se tornaram instrumentos potentes de controle corporal e reforço de padrões estéticos, afetando

diretamente a maneira como os jovens especialmente aqueles que não se encaixam nos ideais dominantes constroem sua autoestima e identidade. Sob esse olhar, compreender o corpo como um espaço de disputa simbólica, como propõe Le Breton, é essencial para analisar criticamente os impactos da exposição digital na formação identitária contemporânea.

Nesse mesmo sentido, a trajetória de Jojo Todynho cantora, compositora e personalidade midiática brasileira, cujo nome de nascimento é Jordana Gleise de Jesus Menezes, conhecida por sua irreverência, discursos assertivos e por canções de grande repercussão como “*Que Tiro Foi Esse*” reforça a compreensão do corpo como um campo complexo de disputa cultural, simbólica e política. Sua expressiva transformação corporal, que envolve uma perda significativa de peso por meio de cirurgia bariátrica e procedimentos estéticos, não deve ser interpretada apenas como uma mudança física, mas como um processo de resignificação identitária e social que dialoga diretamente com as normas hegemônicas de beleza e saúde. Sob a ótica da sociologia do corpo, especialmente conforme proposto por David Le Breton, o corpo é uma superfície onde se inscrevem as marcas das relações sociais, das tensões de poder e dos mecanismos de inclusão e exclusão. A visibilidade conquistada por Jojo nas redes sociais espaços caracterizados pela intensificação da exposição e do julgamento público coloca seu corpo em constante avaliação, tanto como objeto de resistência às normas excludentes quanto como alvo de pressões para se adequar a padrões dominantes. Essa dualidade evidencia a ambiguidade dos ambientes digitais, que funcionam simultaneamente como palcos de empoderamento e arenas de vigilância e controle. Ademais, a atuação de Jojo Todynho contribui para a ampliação da representatividade de corpos historicamente marginalizados, como corpos gordos, negros e periféricos, e para a contestação dos discursos normativos que associam valor social a um ideal estético restrito. Sua trajetória também revela as limitações e os desafios do movimento *body positive*, que, embora promova a aceitação da diversidade corporal, ainda opera em um campo marcado por forte resistência cultural e institucional. Analisar o caso de Jojo é fundamental para compreender os processos contemporâneos de construção identitária, nos quais o corpo desempenha papel central como mediador das relações sociais e simbólicas, especialmente em um contexto de redes sociais onde o capital visual e a aprovação algorítmica influenciam diretamente a autoestima e o senso de pertencimento dos jovens.

Nesse cenário, MC Carol de Niterói cantora, rapper, compositora e ativista brasileira, conhecida por seu posicionamento contundente em relação a questões sociais e por canções que misturam críticas à desigualdade, relatos da realidade periférica e conteúdo explícito sobre sexualidade, frequentemente permeados por humor também emerge como uma figura significativa na luta pela valorização da diversidade corporal nas plataformas digitais. Sua atuação evidencia como a construção da identidade corporal está intrinsecamente ligada a processos sociais mais amplos de resistência e negociação simbólica, conforme apontado por Pierre Bourdieu (1987) ao discutir a violência simbólica e a naturalização das normas dominantes. Ao defender a aceitação do corpo gordo e promover discursos de amor-próprio, MC Carol questiona diretamente os padrões estéticos hegemônicos que historicamente marginalizam corpos periféricos e não normativos. Assim como Jojo Todynho, sua trajetória revela os desafios do movimento *body positive* em um espaço permeado por pressões sociais e culturais que muitas vezes dificultam a afirmação plena da diversidade corporal. A partir dessa perspectiva, a presença e a voz de artistas e influenciadoras como MC Carol são essenciais para ampliar o debate sobre representatividade, autonomia corporal e os efeitos das dinâmicas digitais na formação identitária dos jovens contemporâneos.

De maneira geral, a análise das trajetórias de influenciadoras como Thais Carla, Jojo Todynho e Carol de Niterói evidencia a complexidade dos processos de construção identitária no ambiente digital contemporâneo, marcado pela presença intensa das redes sociais enquanto espaços de sociabilidade, visibilidade e disputa simbólica. Esses ambientes configuram-se como arenas onde se reproduzem e ao mesmo tempo se desafiam os padrões estéticos hegemônicos, influenciados por mecanismos algorítmicos que filtram e valorizam determinados corpos e identidades, produzindo um efeito de vigilância contínua e normatização, em linha com o conceito de “vigilância líquida” proposto por David Lyon. A partir da perspectiva da sociologia do corpo, como elaborada por David Le Breton, o corpo não é apenas uma entidade biológica, mas um constructo social carregado de significados culturais e políticos, atravessado por marcadores sociais como raça, gênero, classe e capacidade física. Esses marcadores mediam as experiências individuais e coletivas, configurando processos de inclusão e exclusão simbólica. Nesse contexto, as influenciadoras atuam como agentes de resistência, contestando a “violência simbólica” descrita por Pierre Bourdieu, que se manifesta na imposição naturalizada de normas estéticas e comportamentais dominantes.

O movimento body positive, que ganha voz por meio dessas figuras públicas, revela tanto o potencial emancipatório das redes sociais quanto suas limitações, já que o enfrentamento à gordofobia e a luta pela pluralidade corporal ocorrem em um campo permeado por desigualdades estruturais e pela lógica do capital simbólico. A exposição constante e a necessidade de performatividade, reforçada pelas dinâmicas algorítmicas, ilustram a tensão entre autenticidade e conformidade, que impacta diretamente a construção da autoestima e da identidade dos jovens. Portanto, compreender a influência das redes sociais na formação identitária demanda uma análise crítica que considere as relações de poder simbólico, as dinâmicas de visibilidade e invisibilização, bem como as estratégias de resistência corporal e cultural. Essa reflexão é essencial para a formulação de políticas públicas e práticas educacionais que promovam ambientes digitais mais inclusivos, capazes de valorizar a diversidade e fomentar a construção de identidades plurais, saudáveis e autênticas, livres das amarras dos padrões hegemônicos.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos resultados obtidos, conclui-se que os objetivos propostos nesta pesquisa foram plenamente alcançados, confirmando a hipótese inicial de que as redes sociais, especialmente o TikTok, exercem influência expressiva na formação da identidade cultural dos jovens. Essa influência manifesta-se tanto pela imposição de padrões estéticos hegemônicos quanto pela criação de mecanismos de visibilidade e exclusão simbólica, mediados por algoritmos que favorecem determinados corpos e estilos de vida.

A análise demonstrou que esses espaços digitais apresentam uma dualidade intrínseca: funcionam como ferramentas de expressão e resistência, mas também como arenas de controle e vigilância, nas quais a performatividade e a busca por validação social impactam diretamente a autoestima, a autenticidade e a forma como os jovens se percebem e são percebidos. O estudo evidenciou, ainda, que movimentos como o body positive, embora carreguem um potencial emancipatório, encontram barreiras estruturais e culturais que limitam sua efetividade, sobretudo diante de um cenário marcado pela intensa pressão estética e pela discriminação corporal. Nesse contexto, reforça-se a necessidade de políticas públicas, práticas pedagógicas e iniciativas midiáticas comprometidas com a promoção da diversidade corporal e cultural, rompendo com padrões excludentes e fomentando um ambiente digital mais inclusivo e seguro. Além disso, sugere-se que pesquisas futuras aprofundem a compreensão dos impactos psicológicos decorrentes dessa exposição e desenvolvam estratégias concretas para minimizar a violência simbólica e a padronização identitária nas redes sociais, contribuindo para um uso mais crítico e consciente dessas plataformas.

### REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRETON, David Le. *A sociologia do corpo*. Petrópolis: Vozes, 2011.

DATAREPORTAL. *Digital 2025: Global Digital Overview*. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2025-global-overview>. Acesso em: ago. 2025.

GROPPO, Luís Antonio. *Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

LYON, David. *Vigilância líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). *Relatório mundial de saúde mental 2021*. Genebra: OMS, 2021. Disponível em: <https://www.who.int>. Acesso em: ago. 2025.

COMPARITECH. *Cyberbullying: facts and statistics for 2018 to 2021*. Comparitech, 2021. Disponível em: <https://www.comparitech.com>. Acesso em: ago. 2025.

SOUZA, Lidiane Santos de; ROCHA, Ana Cecília de Sousa; OLIVEIRA, Joyce Mary Adam de. *Percepção de jovens brasileiros sobre as repercussões das redes sociais na subjetividade*. *Psicologia: Teoria e Prática*, v. 23, n. 2, p. 1-19, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/M7sMfwjCqXdZ7j4RWjN4jdc/>. Acesso em: 11 ago. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Pesquisa Nacional de Saúde 2019: perfil sociodemográfico e de saúde da população brasileira*. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101761.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2025.